

Gilberto Freyre e o ofício de historiador

*Claudio Marcio Coelho*¹

Resumo: Este ensaio discute como o cientista social brasileiro Gilberto Freyre exerceu o ofício de historiador, especialmente, durante a elaboração de sua obra germinal *Casa-Grande e Senzala*, publicada em 1933. Neste sentido, analisa o pluralismo documental, o trabalho com fontes e a abordagem teórica e metodológica do autor em interlocução com as proposições de Georg Simmel, Max Weber, Marc Bloch, Lucien Febvre, Paul Ricoeur, Carlo Ginzburg, entre outros. De mais a mais, este ensaio também discute temas que atravessam a teoria da história e o trabalho do historiador como a subjetividade do autor e do pesquisador, a sensibilidade no trabalho com fontes históricas, microanálise histórica e social, história íntima, narrativa e temporalidade.

Palavras-chave: ofício de historiador; pluralismo documental; história íntima; Gilberto Freyre.

Abstract: This essay discusses how Brazilian social scientist Gilberto Freyre held the work of historian, especially during the preparation of his germinal work *Casa-Grande e Senzala*, published in 1933. In this sense, the documentary examines pluralism, working with sources and the theoretical and methodological approach of the author in dialogue with the propositions of Georg Simmel, Max Weber, Marc Bloch, Lucien Febvre, Paul Ricoeur, Carlo Ginzburg, among others. Moreover, this paper also discusses themes that run through the theory of history and the historian's work as the subjectivity of the author and researcher, the sensitivity in working with historical sources, historical and social microanalysis, intimate story, narrative and temporality.

Keywords: work of historian; documentary pluralism; intimate story; Gilberto Freyre.

¹ Doutorando em História na Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil. Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Espírito Santo. Email: claudiomarciocoelho@gmail.com

Introdução

*Não é a 'objetividade' que é a melhor glória do historiador.
Sua maior justiça é buscar compreender.
(DROYSEN, 2009, p.80)*

Apesar da crise paradigmática dos modelos centrados no racionalismo cartesiano e no positivismo científico, ainda nos sentimos seduzidos pela ideia de que o passado pode ser reconstituído e recuperado em sua integralidade. Mas o que de fato resta ao historiador é a possibilidade de uma "reconstrução ideal" do passado, pois sabemos que "todo o trabalho histórico parte da idealização de uma possibilidade de compreensão" (Santos, 1998, p.13). Assim, só compreendemos da "realidade" os conteúdos que dela conseguimos "abstrair idealmente" (Simmel, 2011, p.11). Por isso, é sempre oportuno lembrar a lição que outrora aprendemos: a história só existe "em relação às questões que nós lhe formulamos" (Veyne *apud* Barros, 2011a, p.65).

Como demonstrou Hans-Georg Gadamer (2002), o historiador só pode realizar a hermenêutica do passado pelo reconhecimento de que o objetivismo é uma ilusão, e de que, todo esforço de compreensão da realidade está inevitavelmente atravessado pela incompletude e pela incerteza. Muitos ainda estão apegados a conceitos (teorias) estanques e insulares, a despeito dos incomensuráveis avanços provocados pela inovação epistemológica introduzida na física quântica com o "princípio da indeterminação" de Heisenberg (1927), na filosofia com o "conhecimento aproximado" de Gaston Bachelard (1928) e o "pensamento complexo" de Edgar Morin (1990), na história com a "perspectiva indiciária" de Carlo Ginzburg (1989b), entre outros.

Sabemos que o trabalho histórico não representa o contato direto com a experiência humana do passado, mas o trato com vestígios, fragmentos que nos apresentam apenas um espectro dessa experiência. Assim, articular "historicamente o passado", segundo Walter Benjamin, "não

significa conhecê-lo 'como ele de fato foi'. Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo" (Benjamin, 1994, p.224). Neste sentido, o historiador precisa aceitar o fato de que não pode compreender tudo sobre o passado. Pode, no entanto, elaborar "um conhecimento através de pistas". Por isso, o estudo histórico necessita de um exercício crítico permanente, pois o que torna o passado inteligível e compreensível é a tradução do historiador. Ademais, como recomendou Marc Bloch, quando esse esforço de tradução não produzir inferências consistentes e esclarecedoras, então o próprio historiador precisa aprender a dizer "não sei, não posso saber" (Bloch, 2002, p.26).

Partindo dessas premissas, investigaremos como o intelectual pernambucano Gilberto Freyre encarou o ofício de historiador durante a pesquisa de vasta documentação sobre nosso período colonial. Esta pesquisa fez nascer um dos maiores clássicos do pensamento social brasileiro e conferiu ao seu autor reconhecimento e fama internacionais. Lucien Febvre escreveu o prefácio à edição francesa de *Casa-Grande e Senzala* (1933), que recebeu o título de *Maitres et Esclaves* (1952) e foi traduzida por Roger Bastide. Fernand Braudel, por sua vez, escreveu a apresentação da edição italiana intitulada *Padroni e Schiavi* (1965). Como sabemos, Febvre e Braudel consideravam Freyre um "escritor sensível à matéria palpável" (Ventura, 2000, p.15).

Destarte, dissertaremos sobre a multifrontalidade da pesquisa documental na obra germinal de Gilberto Freyre. Uma perspectiva que se aproxima da orientação metodológica do pensador belga Paul Otlet, autor de *Traité de Documentation* (1934). Para Otlet, documentos são: livros, revistas, fotografias, jornais, desenhos, pinturas, esculturas, filmes, discos, partitura musical, selos, medalhas, moedas, móveis, monumentos, edificações e até mesmo as espécies vegetais e animais e os minerais catalogados em parques zôo-botânicos e museus de história natural.

Assim, elaborou “o mais amplo conceito de documento que se conhece: qualquer mensagem fixada materialmente” (Fonseca, 1983, p.5).

Nosso problema consiste na investigação e na análise de como e porque G.Freyre realizou sua pesquisa documental. Para realizar esta tarefa, pesquisaremos a diversidade de fontes que descreveu no prefácio à primeira edição, na seleção de prefácios, nos capítulos da obra e nas inumeráveis notas metodológicas que generosamente ofereceu ao pesquisador do período colonial brasileiro.

Rastreando fontes da obra germinal de Gilberto Freyre

No prefácio à primeira edição de *Casa-Grande e Senzala* (1933), nos deparamos com uma descrição minuciosa das fontes que seu autor pesquisou. Mas, seu comportamento inusitado, logo desperta a curiosidade do leitor. Freyre não distinguiu a natureza das fontes que selecionou, ou seja, não as classificou a partir de categorias fixas: primárias, secundárias, técnicas, oficiais. Interpretou suas fontes como documentos reveladores, considerando suas especificidades no quebra-cabeça histórico-social brasileiro: o passado interpretado como outro meio de procurar o “tempo perdido” e de “nos sentirmos nos outros – nos que viveram antes de nós”, como ele mesmo afirmou (Freyre, 1995, p.lxv). Uma introspecção emocionada do passado, com marcante inspiração proustiana. Trata-se de uma orientação metodológica que reconhece a dimensão afetiva do saber: um “conhecimento envolvido emocionalmente”, como diria Boaventura de Souza Santos (Santos, 1989, p.18).

Freyre também lamentou a falta de “documentos” mais expressivos sobre a vida íntima no período colonial brasileiro. Documentos como diários, confidências, cartas, memórias, autobiografias, romances autobiográficos.

Vejamos as “principais” fontes que utilizou no processo de elaboração de sua narrativa histórica:

• “Livros de assentos” de senhores de engenho:

Graças à gentileza de uma velha parenta, Dona Maria (Iaiá) Cavalcanti de Albuquerque Melo, foi-me dado para consulta o “livro de assentos particulares” iniciado em Olinda em 1 de março de 1843 por seu pai Félix Calvacanti de Albuquerque Melo (1821-1901), registrando fatos não só de interesse para a família de Francisco Casado de Holanda Calvacanti de Albuquerque (1776-1832), antigo senhor do engenho Jundiá, que vendeu em 1832, e para as famílias de seus filhos e genros, como de interesse geral – epidemia de cólera, mata-mata marinheiro, hecatombe de Vitória, etc (FREYRE, 1995, p.lxvi, nota 29).

• “Confissões e denúncias reunidas pela visitação do Santo Ofício” às partes do Brasil:

A inquisi o escancarou sobre nossa vida ótima da era colonial, sobre as alcovas com camas que em geral parecem ter sido de couro, rangendo às pressões dos adult rios e dos coitos danados; sobre camarinhas e os quartos de santos; sobre as rela es de brancos com escravos – seu olho enorme, indagador. As confissões e denúncias reunidas pela visita o do Santo Ofício às partes do Brasil constituem material precioso para o estudo da vida sexual e de família no Brasil do século XVI e XVII. Indicam-nos a idade das moças casarem – doze, quatorze anos; o principal regalo e passatempo dos colonos – jogo de gam o; a pompa dramática das procissões – homens vestidos de Cristo e de figuras da Paixão e devotos com caixa de doce dando de comer aos penitentes. Deixam-nos surpreender, entre as heresias dos cristãos-novos e das santidades, entre os bruxedos e as festas gaiatas dentro das igrejas, com gente alegre sentada pelos altares, entoando trovas e tocando viola, irregularidades na vida doméstica e moral cristã da

família – homens casados casando-se outra vez com mulatas, outros pecando contra a natureza com efebos da terra ou da Guiné, ainda outros cometendo com mulheres a torpeza que em moderna linguagem científica se chama, como nos livros clássicos, de felação, e que nas denúncias vem descrita com todos os ff e rr; desbocados jurando pelo “pentelho da Virgem”; sogras planejando envenenar os genros; cristãos-novos metendo crucifixos por baixo do corpo das mulheres no momento da cópula ou deitando-os nos urinóis; senhores mandando queimar vivas, em fornalhas de engenho, escravas prenhes, as crianças estourando ao calor das chamas (*Ibid.*, p.lxvi-i).

• “Cadernos recolhedores de fatos”:

Estes cadernos, tive a fortuna de encontrá-los em recente viagem a Minas. Acham-se alguns em Caeté, outros em Belo Horizonte, em mãos de um particular, que gentilmente nos franqueou à leitura. Representam o esforço pachorrento, e tudo indica que escrupuloso, não de um simples bisbilhoteiro, mas de velho pesquisador municipal, falecido há anos: Luís Pinto. Pinto passou a vida vasculhando arquivos, atas, livros de registro de casamento e batismo, testamentos, na colheita de dados genealógicos de algumas das mais importantes famílias mineiras (*Ibid.*, p.lxvii, nota 31).

• “Livros de viagem de estrangeiros”:²

Servi-me, algumas vezes, na transcrição de trechos dos livros de viagem mais conhecidos, de traduções já existentes em português.

² Freyre considerou os livros de viagem de estrangeiros uma importante fonte para pesquisa sobre a História Social do Brasil. O autor citou os relatos que utilizou em sua pesquisa, e alertou os leitores para atenção que o pesquisador social deve ter com os preconceitos e as superficialidades presentes nos relatos de viajantes como os Thévet, os Expilly, os Debadie. Reconheceu os relatos de Jean de Léry, Hans Staden, Koster, Saint-Hilaire, Redu, Spix, Martius, Burton, Tollenare, Gardner, Mawe, Maria Graham, Kidder e Fletcher entre os “bons” e “honestos” (FREYRE, 1995, p.lxix).

Mas cotejando-as sempre com os originais, e em certos pontos discordando dos tradutores e retificando-os. Os textos dos livros de viajantes mais antigos – séculos XV, XVI, XVII, XVIII, e princípios do XIX – são transcritos, quando conservados no original, com todos os seus arcaísmos. Também os textos das crônicas, tratados e documentos antigos portugueses e brasileiros (*Ibid.*, p.lxix, nota 33).

. “Cartas dos jesuítas”:³

Volto à questão das fontes para recordar os valiosos dados que se encontram nas cartas dos jesuítas [...] Os jesuítas não só foram grandes escritores de cartas – muitas delas tocando em detalhes íntimos da vida social dos colonos – como procuraram desenvolver nos caboclos e mamelucos, seus alunos, o gosto epistolar [...] Detalhes de um realismo honesto, esses, que se colhem em grande número, nas cartas dos padres, por entre as informações de interesse puramente religioso ou devoto. Detalhes que nos esclarecem sobre aspectos da vida colonial, em geral desprezados pelos outros cronistas... (*Ibid.*, p.lxix-lxx).

. “Crônicas”:

Não nos devemos, queixar dos leigos que em crônicas como a de Pero de Magalhães Gandavo e a de Gabriel Soares de Sousa também nos deixam entrever flagrantes expressivos da vida íntima nos primeiros tempos de colonização. Gabriel Soares chega a ser pormenorizado sobre as rendas dos senhores de engenho; sobre o material de suas casas e capelas; sobre a alimentação, a confeitaria e doçaria das casas-grandes; sobre os vestidos das senhoras... (*Ibid.*, p.lxx-lxxi).

³ Entre os jesuítas citados por Freyre constam os nomes de Francisco Pires, Antônio Pires, José de Anchieta e Manoel da Nóbrega. O autor manifestou excessiva confiança nos relatos destas cartas, pois considerou estes documentos como portadores de um “realismo honesto” (*Ibid.*, p.lxx).

• “Livros de romance brasileiro”:

Machado de Assis em *Helena*, *Memória Póstumas de Brás Cubas*, *Iaiá Garcia*, *Dom Casmuro* e em outros dos seus romances e dos seus livros de contos, principalmente em *Casa Velha*, publicado recentemente com introdução escrita pela Sr^a Lúcia Miguel Pereira; Joaquim Manoel de Macedo n’*As Vítimas Algozes*, *A Moreninha*, *O Moço Louro*, *As Mulheres de Mantilha*, romances cheios de sinhazinhas, de iaiás, de mucamas; José de Alencar em *Mãe*, *Lucíola*, *Senhora*, *Demônio Familiar*, *Tronco do Ipê*, *Sonhos de Ouro*, *Pata da Gazela*; Francisco Pinheiro Guimarães na *História de uma Moça Rica e Punição*; Manoel Antônio de Almeida nas *Memórias de um Sargento de Milícias*; Raul Pompéia n’*O Ateneu*; Júlio Ribeiro n’*A Carne*; Franklin Távora, *Agrário de Meneses*, Martins Pena, Américo Werneck, França Júnior são romancistas, folhetinistas ou escritores de teatro que fixaram com maior ou menor realismo aspectos característicos da vida doméstica e sexual do brasileiro; das relações entre senhores e escravos; do trabalho nos engenhos; das festas e procissões. Também os fixou a seu jeito, isto é, caricaturando-os, o poeta satírico do século XVIII, Gregório de Matos. E em memórias e reminiscências, o Visconde de Taunay, José de Alencar, Vieira Fazenda, os dois Melo Moraes, deixaram-nos dados valiosos. Romances de estrangeiros procurando retratar a vida brasileira do tempo da escravidão existem alguns, mas nenhum que valha grande cousa, do ponto de vista da história social... (*Ibid.*, p.lxxi-lxxii).

• “Iconografia”:⁴

Quanto à iconografia da escravidão e da vida patriarcal está magistralmente feita por artistas da ordem de Franz Post, Zacarias

⁴ Freyre citou alguns dos mais expressivos álbuns, aquarelas e quadros que representam a iconografia do período colonial: o *Álbum Brésilien* de Ludwig & Briggs sobre o Rio de Janeiro; *Memória de Pernambuco* (Lit. de F. H. Carls e desenhos de L. Schlappriz); Aquarelas e gravuras do período na Biblioteca de M.de Oliveira Lima e na Universidade Católica, em Washington (EUA), no Museu do Estado de Pernambuco e no Museu Histórico e Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Quadros dispersos pelas sacristias de velhas igrejas, de capelinhas de engenho e etc (*Ibid.*, p.lxxii, nota 38).

Wagner, Debret, Rugendas; sem falarmos de artistas menores e mesmo toscos – desenhadores, litógrafos, gravadores, aquarelistas, pintores de ex-votos – que desde o século XVI – muitos deles ilustrando livros de viagem – reproduziram e fixaram, com emoção ou realismo, cenas de grandes engenhos e de sítios, tipos de senhoras, de escravos, de mestiços. Dos últimos cinqüenta anos da escravidão, restam-nos, além de retratos a óleo, daguerreótipos e fotografias fixando perfis aristocráticos de senhores, nas suas gravatas de volta, de sinhá-donas e sinhá-moças de penteados altos, tapa-missa no cabelo; meninas no dia da primeira comunhão – todas de branco, luvas, grinalda, véu, livrinho de missa, rosário; grupos de família – as grandes famílias patriarcais, com avós, netos, adolescentes de batina de seminaristas, meninas abafadas em sedas de senhoras de idade (*Ibid.*, p.lxxii).

• “Outras fontes”:⁵

Inventários; cartas de sesmaria; testamentos; correspondência da Corte e Ordens Reais; pastorais e relatórios de bispos; atas de sessões de Ordens Terceiras, confrarias e santas casas; atas e registro Geral da Câmara de São Paulo; livros de assentos de batismo, óbitos e casamentos de livres e escravos e os de rol de famílias; autos de processos matrimoniais; estudos de genealogia; relatórios de juntas de higiene; documentos parlamentares; estudos e teses médicas; documentos da Biblioteca do Estado de Pernambuco, do Arquivo Nacional,⁶ da Biblioteca Nacional e do Instituto Histórico Brasileiro; arquivos de Institutos Arqueológicos de São

⁵ Segundo Freyre, muitos destes valiosos documentos permanecem restritos aos arquivos e bibliotecas. Para o autor, é “pena” que “algumas revistas de História dediquem páginas e páginas à publicação de discursos patrióticos e de crônicas literárias, quando tanta matéria de interesse rigorosamente histórico permanece desconhecida ou de acesso difícil para os estudiosos” (*Ibid.*, p.lxix).

⁶ Alcides Bezerra salientou a importância dos documentos publicados pelo Arquivo Nacional para a pesquisa sociológica e antropológica. Para Bezerra, estes documentos constituem “pedra fundamental para a história territorial brasileira”. A interpretação de nosso desenvolvimento social deve fundamentar-se no conhecimento destas fontes (*Ibid.*, p.lxviii, nota 32).

Paulo, Pernambuco e Bahia; arquivos e museus estrangeiros: Biblioteca Nacional de Lisboa, Museu Etnológico Português, Biblioteca do Congresso (EUA), Coleção Oliveira Lima da Universidade Católica (EUA), Coleção John Casper Branner da Universidade de Stanford (EUA); cartas e arquivos de famílias; livros e cadernos de modinhas e receitas de bolos;⁷ coleções de jornais; livros de etiqueta; jóias, móveis, vestuário e objetos decorativos de época; traços específicos da arquitetura de casas-grandes conservadas na “antiga zona aristocrática” de Pernambuco, Paraíba e Alagoas, e na “zona escravocrata” do Rio de Janeiro e São Paulo; relatos de pretos velhos criados em engenho⁸; relatos e “gentilezas” recebidas de parentes e amigos acerca do cotidiano e da vida íntima no período colonial⁹; dados folclóricos¹⁰ sobre o período colonial.

Em Seleções de Prefácios a várias outras edições deste Livro em Língua Portuguesa, Freyre (1995) revelou a forma como encarava as fontes na pesquisa social e discutiu a importância do acesso direto, sem intermediários, à matéria-prima do pesquisador da História Social. Sua preocupação metodológica orientou a construção de uma narrativa baseada em fontes oficiais e extraoficiais.

⁷ Freyre revelou que possuía um livro de modinhas que foi de seu tio-avô Cícero Brasileiro de Melo e um livro de receitas de bolo que pertenceu a Gerônimo Dias de Arruda Falcão, que foi senhor do engenho Noruega, e grande *gourmet* (*Ibid.*, p.lxxi, nota 36).

⁸ Ex-escravos que entrevistou na zona rural de Pernambuco (quatro remanescentes das velhas senzalas de engenho): Luís Mulatino – “com uma memória de anjo”, Maria Curinga, Jovina e Bernarda (*Ibid.*, p.lxxiv-v).

⁹ Gentilezas recebidas de Joaquim Cavalcanti, Júlio Maranhão, Pedro Paranhos Ferreira, Estácio Coimbra, José Nunes da Cunha e da família Lira (de Alagoas); da família Pessoa de Melo (do norte de Pernambuco); dos parentes de seu maior amigo José Lins do Rego (do sul da Paraíba); de seus parentes Sousa e Melo do engenho de sua infância, o São Severino de Ramos (em Pau-d’Alho, Pernambuco) (*Ibid.*, p.lxxv).

¹⁰ Excursões realizadas sozinho ou na companhia de Pedro Paranhos e Cícero Dias, na zona aristocrática de Pernambuco. Júlio Belo, do engenho de Queimadas, reuniu e forneceu a Freyre “interessantes dados folclóricos sobre relações de senhores com escravos”. O autor também realizou “interessante excursão” com Paulo Prado e Luís Prado, pela antiga zona escravocrata que se estende do Rio de Janeiro a São Paulo (*Ibid.*, p.lxxiv-v).

Alguns críticos notaram que vêm pouco citados, neste trabalho, os grandes mestres da História – Handelman, por exemplo, Southey, Varnhagen, Caspitrano, Oliveira Lima, Rocha Pombo, João Ribeiro, Joaquim Nabuco. Alguns deles, autores de páginas memoráveis sobre os assuntos aqui versados. Sobre escravidão, por exemplo. Essa falta aparente de devoção de um principiante por mestres tão ilustres explica-se, em parte, pelo fato de sido uma de suas preocupações o contato direto com as fontes – tão citadas através destas páginas: manuscritos de arquivos de famílias e de igrejas, cartas jesuíticas, testamentos, sesmarias, diários, livros de viajantes estrangeiros, provisões régias, correspondência dos governadores coloniais com a Corte, periódicos, pastorais, teses de doutoramento, relatórios de médicos, atas de Câmaras; etc. Sobre este material e sobre pesquisa de campo é que verdadeiramente se baseia este ensaio; e não sobre os livros de historiadores consagrados e o seu uso e interpretação daquelas fontes (*Ibid.*, pxxxpi).

A análise de fontes e a história da intimidade em Gilberto Freyre

Segundo Edson N. da Fonseca, nosso autor “valeu-se de todos os tipos de documento, de modo que podemos observar em Casa-Grande & Senzala, além do pluralismo de métodos”, um pluralismo documental com “obras impressas e manuscritas, letras e partituras de músicas, desenhos e daguerreótipos, fotografias e plantas de edifícios, retratos de pessoas, coisas e animais” (Fonseca, 1983, p.5). Seu pluralismo documental revela o caráter indiciário de sua pesquisa e seus efeitos político-ideológicos no pensamento social brasileiro, principalmente no âmbito de construção de nossa identidade.¹¹

¹¹ Defendi esta hipótese em minha dissertação de mestrado intitulada *Gilberto Freyre: Indiciarismo, Emoção e Política na casa-grande e na senzala* (2007) defendida no Programa de Pós-Graduação em História Social das Relações Políticas da Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, Brasil.

Sabemos que o mestre de Apipucos, como era carinhosamente chamado por seus amigos, atribuiu grande importância às fontes que pesquisou, apesar do respeito aos grandes mestres da História. A preocupação revelada nos trechos que citamos denuncia a intenção de construir uma narrativa autêntica e menos influenciada pela leitura de terceiros, mesmo reconhecendo o peso destes grandes pensadores para o estudo do passado brasileiro. Ler a realidade a partir da interpretação de terceiros é possível, mas aquele que se aventura pela pesquisa, limitando-se a leitura de outros, não pode garantir a autenticidade de sua análise.¹²

Lucien Febvre observou, com muita propriedade, que as fontes históricas não falam sozinhas. O historiador deve aprender a interrogá-las de maneira apropriada. Hoje nos parece óbvia tal admoestação. Mas, menos “óbvia é a observação de que as perguntas do historiador são colocadas sempre, direta ou indiretamente, em formas... narrativas”. Assim, essas “narrações provisórias delimitam um âmbito de possibilidades”, por isso, podemos compará-las a “instâncias mediadoras entre questões e fontes”, pois influem decisivamente no curso da pesquisa e nos modos como os dados históricos são recolhidos, descartados e interpretados (Ginzburg, 2002, p.114).

Sabemos também que Gilberto Freyre não hierarquizava os documentos selecionados. Sua orientação metodológica converge para as proposições (procedimentos) demarcadas pela microhistória. Neste sentido, podemos apontar algumas aproximações entre a orientação freyreana e o trabalho de Paul-André Rosental. No livro *Jogos de Escalas: a Experiência da Microanálise* (1998), organizado por Jacques Revel, Rosental discute as contribuições da microanálise para a pesquisa social. Segundo o autor francês, o pesquisador deve conferir o mesmo peso lógico a priori a todas as formas, qualquer que seja a frequência dos fenômenos pesquisados.

¹² Freyre confessou que suas proposições foram inicialmente recebidas “como escandalosamente heréticas em ciência e em saber, em metodologia e na própria expressão literária” (FREYRE, 1995, p.xxxv).

Também lembra que devemos desconfiar de todo e qualquer pré-recorte na análise, isto é, de uma categorização a priori do mundo: as tipologias sobre a realidade social. As proposições de Rosental orientam a discussão sobre as limitações e incoerências da postura metodológica baseada na hierarquização de fontes. O pesquisador precisa selecioná-las e estabelecer “certa” ordem nos procedimentos de investigação, mas também deve garantir sua análise compreensiva e qualitativa, evitando a precocidade na classificação dos documentos investigados, como apontamos na orientação metodológica freyreana.

Freyre manifestou apreço pela pesquisa histórica, pois considerava o trabalho com fontes uma experiência que não representa apenas o “esforço de pesquisa pelos arquivos”, mas uma verdadeira “aventura de sensibilidade” (Freyre, 1995, p.lxv). A educação sentimental absorvida pelo contato com professores, artistas e escritores – durante seus estudos nos Estados Unidos e na Europa – revelou-se na escolha de temas singelos como as cantigas de acalanto portuguesas e brasileiras. Demonstrou como o imaginário popular colonial apregoava liberdades e intimidades com os santos: peculiaridades de nossa religiosidade.

Nas cantigas de acalanto portuguesas e brasileiras as mães não hesitavam nunca em fazer dos seus filhinhos uns irmão mais moços de Jesus, com os mesmos direitos aos cuidados de Maria, às vigílias de José, às patéticas de vovó de Sant’Ana. A São José encarregava-se com maior sem-cerimônia de embalar o berço a rede da criança: *Embala, José, embala, que a Senhora logo vem: foi lavar seu cueirinho no riacho de Belém.* E a Sant’Ana de ninar os meninozinhos no colo: *Senhora Sant’Ana, ninai minha filha; vede que lindeza e que maravilha. Esta menina não dorme na cama, dorme no regaço da Senhora Sant’Ana.* E tinha-se tanta liberdade com os santos que era a eles que se confiava a guarda das terrinhas de doce e de melado contra as formigas: *Em louvor de São Bento que não venham as formigas cá dentro,* escrevia-se num papel que se deixava à porta do guarda-comida. E em papéis que se grudavam às janelas e às portas: *Jesus, Maria, José, rogai*

por nós que recorreremos a vós. [...] Nunca deixou de haver no patriarcalismo brasileiro, ainda mais que no português, perfeita intimidade com os santos. O Menino Jesus só faltava engatinhar com os meninos de casa; lambuzar-se na geléia de araquá ou goiabada; brincar com os moleques... (Ibid., p.lviii-lix).

Seu racionalismo sensível assemelha-se a leitura de Georg Simmel e Marc Bloch. Simmel, por exemplo, afirmou que entre “todos os modos de proceder científicos, o do historiador é o mais comparável ao do artista” (Simmel, 2011, p.103). Outrossim, Bloch admoestou os historiadores a não “retirar” da História a “sua parte de poesia” (Bloch, 2002, p.19).

Neste mesmo sentido, Paul Ricoeur (1955) lembra que a consciência da narratividade da História deve assegurar o “retorno do vivido”, da “sensibilidade” e da “ação humana” a uma historiografia sempre preocupada em não abstrair-se do humano. Orientado por esse esmero, o historiador poderá descobrir como e porque é possível “compreender na narrativa”. Para Ricoeur, o historiador-autor deverá garantir a “inteligibilidade” e a “receptividade de seu texto, valendo-se de formas narrativas consagradas” por sua “tradição cultural”, pois não cabe ao historiador “apreender o universal lógico dos filósofos, mas sim o ‘particular’ possível e ‘verossímil’” (Barros, 2011c, p.213, 226, 248). As preocupações freyreanas para o ofício de historiador percorrem o mesmo caminho sugerido por Ricoeur. Para Freyre, temporalidade e narratividade reforçam-se reciprocamente. Assim, o vivido e o sensível humanizam sua busca do tempo perdido. Também apreendeu as formas narrativas de sua própria tradição cultural para (re)construir um passado poético, particular e aproximado.

Freyre compreendia que os documentos oficiais, apesar de sua importância acadêmica e científica, não capturam a vida cotidiana em sua intimidade plástica, emocional, efêmera. Neste ponto, sua orientação

aproxima-se sobremaneira da perspectiva antropológica inaugurada por Bronislaw Malinowski, na década de 1920. Para Malinowski, o pesquisador não deve desprezar os “imponderáveis da vida real”: os detalhes triviais e os pequenos acontecimentos da vida cotidiana como a rotina do trabalho diário, os hábitos de higiene, o preparo da comida, os laços de amizade, as cenas de famílias, as conversas, brincadeiras, vaidades, inimizades e reações emocionais. Estes imponderáveis revelam a espontaneidade e a expressão mais viva de uma sociedade (Malinowski, 1978, p.29). Neste sentido, o comportamento corriqueiro só pode ser capturado em sua espontaneidade pelos documentos extraoficiais: fontes marginais que descem aos desvãos da intimidade e que revelam o cotidiano em suas microestruturas históricas e sociais.

Freyre também privilegiou temas pesquisados por historiadores franceses representantes da *Nouvelle Histoire*, um movimento que surgiu na França a partir de 1960, difundido pelos herdeiros da *Escola dos Annales*, iniciada nos anos 30, por Marc Bloch e Lucien Febvre. Assim, Fernand Braudel interessou-se pela história da cultura material, enquanto Georges Duby e Philippe Ariès privilegiaram a história da vida privada, da família, da sexualidade, do amor, do corpo e das mulheres. Duby e Ariès organizaram a obra coletiva *História da Vida Privada*, que inspirou a coleção *História da Vida Privada no Brasil* (1997), dirigida por Fernando Novais. Freyre destacou pessoas e relações sociais na intimidade e no cotidiano da família patriarcal brasileira, enfatizando temas até então desprezados por nossa história política e econômica: a sexualidade, o escravo, a mulher, a criança, a culinária, o folclore. Neste ponto, realizou o que Fredrik Barth e Carlo Ginzburg consideram fundamental para a pesquisa social: interpretar os fenômenos sociais como processos, pensar os indivíduos como microcosmos sociais ativos e valorizar o minúsculo, o achado, o indício (Barth, 2002; Ginzburg, 1987).

Nosso autor considerou os ‘tipos de moradias’ como pistas culturais autênticas. Sua investigação dos traços característicos da arquitetura das

casas-grandes coloniais – paredes grossas de taipa ou pedra de cal, cobertas de palha ou de telha-vã, alpendre na frente e dos lados – revelou detalhes da vida no início da colonização portuguesa nos trópicos. Terra desconhecida, falta de materiais, ferramentas e homens para explorar os recursos naturais. Grandes desafios para as famílias. A arquitetura da casa-grande de engenho expressa com propriedade o contexto social da infância do Brasil. A apreciação, porventura introspectiva, da casa-grande como metáfora de uma nova civilização nos trópicos é fruto de sua consideração de que foi nas casas-grandes coloniais “onde se melhor exprimiu o caráter brasileiro: a nossa continuidade social” (Freyre, 1995, p.lxv).

Segundo Freyre, as proposições do filósofo Oswald Spengler em *La Decadencia de Occidente* (Madrid, 1927), confirmam a importância da pesquisa sobre o tipo de habitação para a análise histórica e social. Spengler realizou uma análise minuciosa da relação entre os traços arquitetônicos e o mundo social. Seus estudos sobre a arquitetura e o mundo dos deuses, estilo e ornamentação, arquitetura da janela, entre outros, revelam a construção de uma análise histórica a partir da investigação dos detalhes arquitetônicos do contexto pesquisado. Para Spengler, a casa constitui uma força cósmica e misteriosa que atua na coesão dos que convivem estritamente juntos. Semelhantemente, Freyre considerou a casa-grande colonial um centro de coesão patriarcal, religiosa, econômica, política, cultural, afetiva. Interpretou estes aspectos (da vida colonial) a partir da análise dos traços arquitetônicos da casa-grande. Também reconheceu em Spengler um pensador mais intuitivo do que lógico. Escritor que elaborou, no campo da teoria da história, uma visão das grandes conexões históricas. Spengler considerou as “culturas como sujeitos, e não como objetos, do acontecer histórico” (*Ibid.*, p.183).

A casa-grande – completada pela senzala – representou um sistema multissocial, isto é, todo um sistema econômico, social e político de produção, trabalho, transporte, religião, vida sexual e familiar, higiene,

proteção etc. Também foi fortaleza, capela, escola, banco, oficina, cemitério, hospedaria, harém, santa casa de misericórdia, convento de moças. Para Freyre, as casas-grandes coloniais representavam à força e o poder esmagador dos senhores de engenho – patriarcas rurais poderosos: os verdadeiros donos da colônia, das terras, dos homens e das mulheres. Seu poder elevava-se acima da igreja e dos vice-reis. Suas casas feias e fortes eram verdadeiras fortalezas. Nelas, encontramos importantes indícios da vida material. Estes, por sua vez, denunciam sentimentos e comportamentos – traços afetivos e psicossociais de seus moradores. Suas paredes grossas e alicerces profundos foram construídos com muito suor e sangue dos negros – indícios da magnitude da violência e da dominação branca e da importância (o valor) do braço escravo para o desenvolvimento da colônia.

A verdade é que em torno dos senhores de engenho criou-se o tipo de civilização mais estável na América hispânica; e esse tipo de civilização, ilustra-o a arquitetura gorada, horizontal, das casas-grandes. Cozinhas enormes; vastas salas de jantar; numerosos quartos para filhos e hóspedes; capela; puxadas para acomodação dos filhos casados; camarinhas no centro para reclusão quase monástica das moças solteiras; gineceu; copiar; senzala. O estilo das casas-grandes – estilo no sentido spengleriano – pode ter sido de empréstimo; sua arquitetura, porém, foi honesta e autêntica. Brasileirinha da silva. Teve alma. Foi expressão sincera das necessidades, dos interesses, do largo ritmo de vida patriarcal que os proventos do açúcar e o trabalho eficiente dos negros tornaram possível. [...] A casa-grande, embora associada particularmente ao engenho de cana, ao patriarcalismo nortista, não se deve considerar expressão exclusiva do açúcar, mas da monocultura escravocrata e latifundiária em geral: criou-se no Sul o café tão brasileiro como no Norte o açúcar. Percorrendo-se a antiga zona fluminense e paulista dos cafezais, sente-se, nos casarões em ruínas, nas terras ainda sangrando das derrubadas e dos processos de lavoura latifundiária, a expressão do mesmo impulso econômico que em Pernambuco... (*Ibid.*, p.lxii-lxiii).

A distribuição dos cômodos das casas-grandes denuncia a subserviência dos padres aos senhores de engenho, pois a capela era na verdade uma puxada lateral da casa-grande, e possuía acesso direto ao interior da mesma. Os mortos eram enterrados dentro da capela e continuavam sobre o mesmo teto dos vivos: os santos e mortos permaneciam como membros da família. A lembrança dos mortos permanecia viva pela presença de retratos ou pinturas dos entes queridos falecidos. As tranças das senhoras e os cachos de crianças que “morriam anjos” eram conservados no santuário, entre as imagens dos santos.

Outras fontes pesquisadas pelo autor, também revelaram traços que conduziram seu olhar detetivesco para os pormenores da vida cotidiana. Minúcias, intimidades, relações sociais constituintes de uma verdadeira cartografia dos afetos.

Assim, os ‘livros de assentos particulares’ revelaram os interesses das famílias nas regiões dominadas pelo patriarcalismo e o interesse geral na colônia: epidemia de cólera, mata-mata marinho, hecatombe de Vitória e etc. Muitos dados sobre nascimentos, batismos, casamentos, mortes e sobre a intimidade foram identificados nas ‘cartas e arquivos de famílias’.

Os ‘cadernos recolhedores de fatos’ representavam o esforço autêntico de velhos pesquisadores na busca por dados genealógicos de famílias da região rural. Estes acontecimentos foram recolhidos por pesquisadores da própria localidade que vasculhavam arquivos, atas, livros de registros de nascimentos, casamentos e batismos, testamentos. Freyre valorizou estes cadernos como expressão marcante do dia-a-dia nestas comunidades. Neles, identificou aspectos da intimidade da família patriarcal que não estão registrados nos documentos oficiais.

Também houve – isto no século XVIII e no XIX – esquisitões Pepys de meia-tigela, que tiveram a pachorra de colecionar em cadernos, gossip e mexericos: chamavam-se “recolhedores de fatos”. Manoel Querino fala-nos deles como relação à Bahia; Arrojado Lisboa, em

conversa, deu-me notícia de uns cadernos desses, relativos a Minas, e em Pernambuco, na antiga zona rural, tenho encontrado traços de “recolhedores de fatos”. Alguns “recolhedores de fatos”, antecipando-se aos pasquins, colecionavam casos vergonhosos, que, em momento oportuno, serviam para emporcalhar brasões ou nomes respeitáveis. Em geral, exploravam-se os preconceitos de branquidade e de sangue nobre; desencavava-se alguma remota avó ou nina; ou tio que cumpria sentença; avô que aqui chegara de sambetino. Registravam-se irregularidades sexuais e morais de antepassados. Até mesmo de senhoras (*Ibid.*, p.lxvii).

As ‘cartas dos jesuítas’ também revelaram ao autor detalhes da vida religiosa e moral da vida colonial: fatos da sexualidade, costumes, valores, crenças e comportamentos dos devotos. Detalhes muitas vezes desprezados pelos cronistas e que não foram amplamente registrados pelos documentos oficiais. Freyre considerou a importância destas fontes por revelarem o “realismo honesto” das descrições dos padres nestas cartas. Aqui, podemos denunciar sua excessiva confiança em dados reconhecidamente marcados por preconceitos e pelo moralismo dos missionários.

Também registrou a importância das ‘crônicas’ escritas no período colonial. Estas fontes revelaram flagrantes expressivos da vida íntima e pormenores sobre a vestimenta, a alimentação, a confeitaria e doçaria, o material das casas-grandes e das capelas nos primeiros tempos de colonização.

Os ‘romances’ revelaram muitos aspectos importantes da vida íntima e sexual do brasileiro. Neles, o autor também identificou detalhes sobre a organização social do trabalho nos engenhos, relações entre senhores e escravos, fatos relativos às festividades e acontecimentos marcantes na vida religiosa, moral, política e econômica. Apesar do caráter ficcional dos romances pesquisados, jamais manifestou qualquer apreciação duvidosa

sobre a importância destas obras para a pesquisa histórica e social. Em outras palavras, para Freyre, a História deveria conciliar, em uma mesma prática, o “histórico” e o “supra-histórico”. Por isso, atribuía grande importância à pesquisa histórica realizada a partir de fontes literárias. Também valorizava a escrita da história em estilo literário, poético, sensível. Esta dimensão estética da História, tão enaltecida por Friedrich Nietzsche, em sua audaciosa concepção do “historiador-artista”, sempre esteve presente na forma peculiar como Freyre narrava o passado: o historiador deve ater-se principalmente a capacidade de recriar uma trama com os materiais que estão a sua disposição. O caráter estético da narrativa freyreana é facilmente percebido em suas obras. Ademais, podemos identificar a mesma preocupação em historiadores consagrados como Hayden White, Michel de Certeau, Dominick LaCapra e Paul Veyne, que ocuparam-se com a análise do discurso histórico construído por meio de uma perspectiva estritamente literária (Barros, 2011b, p.222-4).

Freyre pesquisou os ‘costumes e o folclore’ da época para identificar pistas reveladoras do passado brasileiro. Sua investigação sobre as crendices contadas nas regiões rurais revelou indícios importantes para o estudo do imaginário popular. Desta forma, o autor identificou alguns traços marcantes do espírito histórico e social. Estes relatos foram recolhidos durante suas visitas aos engenhos da região rural de Pernambuco, Rio de Janeiro e São Paulo.

A ‘iconografia’ revelou aspectos da intimidade familiar, religiosa e social. Em quadros e fotografias de época, identificou detalhes expressivos da arquitetura externa e interna das casas-grandes e dos grandes engenhos e sítios, dos senhores de engenho e grupos de famílias, do vestuário, mobiliário, jóias e outros detalhes que geralmente passam despercebidos pelo pesquisador restrito à pesquisa de fontes escritas. Neste mesmo sentido, podemos recordar a bela reflexão de Lucien Febvre: “A história fez-se, sem dúvida, com documentos escritos. Quando há. Mas pode e deve fazer-se sem documentos escritos, se não existirem.” E conclui:

“Faz-se com tudo o que a engenhosidade do historiador permite utilizar para fabricar o seu mel, quando faltam flores habituais...” (Febvre, 1985, p.249). Para Carlo Ginzburg, os historiadores contemporâneos compreendem que as fontes escritas não constituem a única forma de investigação histórica. Assim, lembrando as inovações propostas por Lucien Febvre, defende a pintura como uma fonte importante para a pesquisa de um contexto estudado (Ginzburg, 1989a, p.22-5).

A postura freyreana aproxima-se da perspectiva de historiadores que se dedicaram ao estudo da arte como Aby Warburg e E.Panofsky. Warburg, por exemplo, ensinou “que se pode fazer ouvir vozes humanas articuladas também a partir de documentos de pouca importância”. Estes documentos são encontrados entre as “curiosidades” que geralmente interessam ao historiador dos costumes. Assim, o pesquisador pode servir-se de uma documentação variada e heterogênea como testamentos, cartas, aventuras amorosas, tapeçarias, quadros famosos e obscuros para reconstruir o “elo entre as figurações e as exigências práticas, os gostos, a mentalidade” da sociedade estudada (Ginzburg, 1989b, p.45-6).

F. Saxl foi um dos discípulos mais dedicados de Warburg. Assim como seu mestre, Saxl sempre se preocupou com a natureza das fontes em sua pesquisa. Os ensaios *Holbein e a Reforma* (1925) e *Dürer and the Reformation* (1948) embora apresentados em diferentes períodos (mais de 20 anos), demonstram uma preocupação persistente com o método de pesquisa. Para Saxl, as “xilografuras, as folhas de propaganda e os pamphlets do período da Reforma não são grandes obras de arte, mas oferecem-nos um ‘espelho’ das atitudes da época”. Saxl analisou a obra de Dürer (grande artista do século XIV) considerando a importância da análise de obras de arte para compreensão da vida cotidiana, dos sentimentos e comportamentos no contexto histórico, pois revelam com propriedade e sensibilidade o espírito humano no tempo e no espaço (*apud* Ginzburg, 1989b, p.61-2).

Freyre manifestou a mesma preocupação de Febvre, Warburg, Saxl e Panofsky. Assim, investigou a iconografia da escravidão e da vida patriarcal no Brasil colonial: pinturas de Franz Post, Zacarias Wagner, Debret e de Rugendas, por exemplo, sem desprezar os artistas menores e mesmo toscos. Desenhadores, litógrafos, gravadores, aquarelistas, que desde o século XVI, reproduziram e fixaram, com emoção ou realismo, cenas de grandes engenhos e de sítios, de senhoras e sinhá-moças, de escravos, de mestiços. Neste ponto, podemos recorrer aos conceitos de "ideias de valor" e de "subjetividade do pesquisador" em Max Weber, para entender a predileção freyreana por temas que consubstanciam um passado aristocrático. Segundo Weber, "sem as ideias de valor do investigador não existiria qualquer princípio de seleção nem conhecimento sensato do real singular", pois "a orientação da sua convicção pessoal e a difração dos valores no espelho da sua alma" conferem sentido e direção ao seu trabalho. Assim, os valores que orientam o gênio científico "poderão determinar a 'concepção' que se fará de toda uma época". Poderão ser decisivos para aquilo que, nos fenômenos, considera-se "valioso", "importante" ou "secundário" (Weber, 2008, p.98). Vê-se que Freyre, realizou sua pesquisa, orientado por afetos e valores marcadamente aristocráticos. Sua subjetividade de pesquisador pode ser facilmente identificada na predileção por temas de caráter autobiográfico. Seu perspectivismo sociológico manifestou o que os críticos chamam de conservadorismo romântico.

A orientação teórico-metodológica freyreana pode ser considerada inusitada e renovadora para uma época marcada pela supremacia da história política e militar: a história dos grandes acontecimentos, das grandes personalidades. Podemos corroborar sua inovação ao recordarmos que, segundo Panofsky, "toda descoberta de um fato histórico" desconhecido, assim como "toda nova interpretação de um fato já conhecido ou vão se 'enquadrar' na concepção geral predominante" e, portanto, até chegarão a enriquecê-la, "ou provocarão nela uma mudança

sutil, ou talvez radical, assim lançando nova luz sobre o que se conhecia até então” (*apud* Ginzburg, 1989b, p.64).

Considerações finais

Optamos por uma descrição minuciosa das fontes selecionadas por Gilberto Freyre para ratificar o caráter indiciário de sua pesquisa e revelar o ecletismo e a riqueza de detalhes presentes na construção de sua narrativa. Até os críticos mais exigentes geralmente reconhecem as proezas da pesquisa freyreana: marcadamente detalhada, exaustiva e minuciosa; alicerçada no pluralismo documental, teórico e metodológico.

Como consequência desse pluralismo, a obra freyreana revelou os brasileiros e suas emoções no cotidiano social, na intimidade da casa, nos comportamentos corriqueiros. Sua força está no ir além, pois mostrou como as estruturas econômicas, políticas e sociais foram vivenciadas no dia-a-dia. Como um pesquisador-detetive, Freyre investigou indícios de nossa formação histórica a partir da análise de *cartas e arquivos de famílias, livros de etiqueta, cadernos de modinhas, livros de receitas de bolos e doces, coleções de jornais, pinturas, mobiliário, vestuário*, entre outros documentos e fontes extraoficiais. Infelizmente os críticos não compreenderam o caráter não-convencional de seu método.

Em *Casa-Grande & Senzala*, Freyre pensou o Brasil como uma sociedade *sui generis*, abrindo caminho para a moderna compreensão histórico-sociológica de nosso passado. Trata-se de um livro indispensável para o estudo acerca da infância do Brasil. Que apresenta aos brasileiros a radiografia de sua cultura e uma síntese interpretativa do caráter nacional. Sua agenda é atualíssima, com temas como sexualidade, intimidade, mulher, criança, ecologia, multiculturalismo... Ademais, sua

obra também chamou a atenção de seus críticos por sua metafísica social de cunho relativista.¹³

Sabemos que *Casa-Grande & Senzala* foi recebida – pelos intelectuais brasileiros de 1930 – mais como um manifesto do que como um trabalho científico-acadêmico bem argumentado. Os críticos não compreenderam que o método aparentemente desorganizado de Freyre era uma vantagem do autor, pois os leitores podiam folhear o livro à vontade, absorvendo “pedacinhos de conhecimento” à medida que liam (Skidmore, 2003, p.56-7). O autor recusou o formato acadêmico tradicional como parte de seu projeto para ser reconhecido como escritor com formação sociológica, histórica, antropológica. Preocupava-se com a construção de uma narrativa vívida, poética e acessível aos leitores em sua diversidade. Preocupava-se, também, com a receptividade de sua obra. Mas essa é outra história...

¹³ Entenda-se o termo “metafísica social” como um neologismo que procura denotar a multifrontalidade da obra germinal de Gilberto Freyre: uma obra que está “para além” de sua estrutura sociológica, pois também versa sobre temas ecológicos, biológicos, geográficos, médicos, psicoafetivos, entre outros.

Referências

BACHELARD, Gaston (2004). *Ensaio sobre o conhecimento aproximado*. Rio de Janeiro: Contraponto.

BARROS, José D'Assunção (2011a). *Teoria da história: princípios e conceitos fundamentais*. v.1. 2.ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes.

_____. (2011b). *Teoria da história: os paradigmas revolucionários*. v.3. 2.ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes.

_____. (2011c). *Teoria da história: acordes historiográficos – uma nova proposta para a teoria da história*. v.4. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes.

BARTH, Fredrik (2002). "Por um maior naturalismo na conceptualização das sociedades". In: *O guru e o iniciador: e outras variações antropológicas*. Rio de Janeiro: Contracapa.

BENJAMIN, Walter (1994). "Sobre o conceito da história". In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 7.ed. São Paulo: Brasiliense.

BLOCH, Marc (2002). *Apologia da história ou o ofício de historiador*. Rio de Janeiro: Zahar.

DROYSEN, Johann G. (2009). *Manual de teoria da história*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes.

FEBVRE, Lucien (1985). *Combates pela história*. 2.ed. Lisboa: Editora Presença Ltda.

FONSECA, Edson Nery da (1983). *Um livro completa meio século*. Recife: Massangana.

FREYRE, Gilberto (1995). *Casa-grande e senzala*. 30.ed. Rio de Janeiro: Record.

_____. (1968). *Como e porque sou e não sou sociólogo*. Brasília: Ed.da UNB.

GADAMER, Hans-Georg (2002). *Verdade e método*. vol.I e II. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes.

GINZBURG, Carlo (1987). *O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela inquisição*. São Paulo: Cia das Letras.

_____. (1989a). *Indagações sobre Piero: o batismo, o ciclo de Arezzo, a flagelação*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

_____. (1989b). *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Cia das letras.

_____. (2002). *Relações de força: história, retórica, prova*. São Paulo: Cia das Letras.

MALINOWSKI, Bronislaw (1978). *Os argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia*. 2.ed. São Paulo: Abril Cultural.

MORIN, Edgar (2005). *O método: o conhecimento do conhecimento*. vol.3. Porto Alegre: Sulina.

RICOEUR, Paul (1968). *História e verdade*. Rio de Janeiro: Forense.

SANTOS, Afonso C. M. dos (1998). *Memória e história das ciências*. Transcrição da palestra apresentada no Mast Colloquia, em 05 de maio, Rio de Janeiro.

SANTOS, Boaventura de S. (1989). *Introdução a uma ciência pós-moderna*. Rio de Janeiro: Graal.

SIMMEL, Georg (2011). "O problema do tempo histórico". In: *Ensaio sobre teoria da história*. Rio de Janeiro: Contraponto.

SKIDMORE, T. E. (2003). "Raízes de Gilberto Freyre". In: KOSMINSKY, E.V. *et alli*. (Orgs). *Gilberto Freyre em quatro tempos*. Bauru, São Paulo: Edusc.

VENTURA, Roberto (2000). *Casa-grande e senzala*. S.Paulo: Publicafolha.

WEBER, Max (2008). *Weber – sociologia*. Organizado por Gabriel Cohn. São Paulo: Ática.